

Perfil e relação entre geração no contexto dos Kaiowá e Guarani de Mato Grosso do Sul no Censo 2010¹

COLMAN, Rosa S. (UNICAMP)²
ESTANISLAU, Bárbara R.(UNICAMP)³

Resumo: O estado de Mato Grosso do Sul (MS) concentra a segunda maior população indígena morando em terras indígenas (aldeias) no Brasil, perdendo apenas para o estado do Amazonas. Segundo os dados do Censo Demográfico 2010 a população indígena no Mato Grosso do Sul é de 77.025 pessoas. No Brasil, a população guarani, segundo esse mesmo censo (IBGE, 2010) é de 67.523 e na região Centro Oeste, sabendo-se que a maioria dos Guarani se concentram no Mato Grosso do Sul, é de 43.556. Este trabalho apresenta informações levantadas no último censo do IBGE no que diz respeito ao perfil dos Kaiowá e Guarani de Mato Grosso do Sul e suas características sociodemográficas, fazendo uma reflexão sobre as relações entre as diferentes gerações. Serão utilizados os dados do Banco Multidimensional de Estatística – BME -, referentes ao Censo Demográfico de 2010, além de pesquisa bibliográfica. Conclusões iniciais indicam que para as populações indígenas, a inclusão da categoria nos Censos Demográficos a partir de 1991 e, mais recentemente, o deslocamento da pergunta de cor/raça para o questionário do universo no Censo Demográfico de 2010, e a ampliação da pergunta por etnia e língua falada, tem representado importantes avanços na produção de dados para uma melhor caracterização sociodemográfica destas populações. Entre os Kaiowá e Guarani, nos grupos de 0 a 14 anos se concentram quase a metade da população total, 49,68%, e as mulheres em idade reprodutiva, entre 15 a 49 anos somam 41,84 % do total de mulheres. Dentre as questões levantadas em relação à população jovem, com altas taxas de fecundidade, principalmente se compararmos com as do Estado do MS, está a das relações geracionais conflituosas entre jovens e idosos, aumentadas pela falta de espaço físico que passam os Guarani. Algumas questões relativas a esses conflitos serão levantadas, juntamente com os perfis socioeconômicos dando ênfase na educação, onde se expressam essas relações intergeracionais.

Palavras-chave: Kaiowá e Guarani; características sóciodemográficas; perfil etário.

¹ Trabajo presentado en el VI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, realizado en Lima-Perú, del 12 al 15 de agosto de 2014.

² UNICAMP, email: rosacolman01@yahoo.com.br

³ UNICAMP, email: barbara_estanislaui@yahoo.com.br

Introdução

Para Ventura⁴:

ao longo das duas últimas décadas, ocorreram avanços no sentido de reverter a carência de dados sobre os indígenas nas estatísticas nacionais brasileiras. Entre eles, destacam-se os censos decenais conduzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Assim, no Censo 1991, foi incluída a categoria "indígena" como mais uma opção de resposta para a pergunta sobre a "cor/raça" presente no questionário da amostra, o que se repetiu em 2000. Para o Censo 2010, o quesito da "cor/raça", que, até 2000, era investigado apenas no questionário da amostra, passou a ser pesquisado também no questionário básico, significando que toda a população do país foi indagada acerca do quesito. Mais que isso, no último censo (2010), se a pessoa se declarava "indígena", eram feitas perguntas adicionais sobre pertencimento étnico e línguas faladas.

Mato Grosso do Sul concentra a segunda maior população indígena aldeada do Brasil, perdendo apenas para o estado do Amazonas. Segundo os dados do Censo Demográfico 2010 a população indígena em Mato Grosso do Sul é de 77.025 indígenas distribuídos nas seguintes etnias: Guarani e Kaiowá, Terena, Kadiwéu, Guató, Ofaié, Kinikinau e Atikun. Na tabela 1 a seguir temos as informações sobre pessoas indígenas por localização do domicílio, terra indígena e a condição de indígena. Os que estão fora de terras indígenas são os que moram nas cidades e/ou nas terras indígenas que ainda não estão regularizadas. No Brasil, dos 896.917 indígenas, 517.383 ou 57,68% estão em Terras Indígenas. E no Mato Grosso do Sul dos 77.025 indígenas, 61.158 ou 79,40% estão em Terras Indígenas. Com relação a declaração, aos que não se declararam indígenas e estavam em terras indígenas se perguntou se se considerava indígena. Assim, temos no Brasil, dos 517.383 que residiam em Terras Indígenas, 438.429 isto é, 84,74%, se declararam indígenas e 78.954 não se declararam, mas se consideraram indígenas. Já no Mato Grosso do Sul, dos 61.158 que estavam em Terras Indígenas, 57.428 ou 93,9% não se declararam, mas, se consideravam indígenas.

Tabela 1 - Pessoas indígenas, por localização do domicílio, Mato Grosso do Sul

Pessoas indígenas					
Total	Localização do domicílio				
	Condição de indígena			Fora de terras indígenas	
	Total	Declararam-se indígenas	Não se declararam indígena, mas se consideravam indígenas		
Brasil	896.917	517.383	438.429	78.954	379.534
MS	77.025	61.158	57.428	3.730	15.867

Fonte: IBGE, 2010.

⁴ Matéria publicada: GT debate informações sobre demografia indígena. Disponível em <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/materia/detalhe/31940>

O presente trabalho está centrado nos Guarani e Kaiowá⁵, localizados no Sul do estado de Mato Grosso do Sul, e pretende contribuir com a sistematização das informações sobre eles a partir do Censo Demográfico de 2010 e com a compreensão dos processos vivenciados por essa população, em decorrência das profundas interferências em seu território. A tabela 2 a seguir mostra um comparativo entre a situação vivida nas Terras Indígenas do Amazonas e do Mato Grosso do Sul. A área das Terras Indígenas do AM é mais de 5 vezes maior que a do MS⁶. Apesar da população nas TIs do MS ser mais da metade da do AM, a densidade demográfica nas TIs do MS é mais de 7 vezes maior que do AM:

Tabela 2 - Terras indígenas por população e área, as UFs Amazonas e Mato Grosso do Sul.

	Unidade da Federação	
	AM	MS
Total de área das Terras Indígenas (ha)	54876802,74	829230,05
Total de população autodeclarada indígena em Terra Indígena	129529	61158
Densidade demográfica dos indígenas na Terra Indígena (pop/ha)	0,24	7,38
Total de população em Terra Indígena	135877	61737
Densidade demográfica na Terra Indígena (pop/ha)	0,25	7,45

Fonte: FUNAI - 2014, IBGE - Censo Demográfico, 2010

Para os Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul ainda há outro agravante é que cerca de 80% dessa população vive confinada em oito pequenas extensões de terra demarcadas pelo SPI⁷, entre os anos de 1915 e 1928 como veremos mais detalhadamente nos quadros 1, 2 e 3 mais adiante.

Consideramos como confinamento este processo histórico de ocupação do território por frentes não-indígenas, que se seguiu à demarcação das oito reservas indígenas pelo SPI, forçando a transferência dessa população para dentro de espaços definidos pelo Estado como posse indígena. Indica, portanto, o processo de progressiva passagem de um território indígena amplo, fundamental para a viabilização de sua organização social, para espaços exíguos, demarcados a partir de referenciais externos, definidos tendo como perspectiva a integração dessa população, prevendo-se sua progressiva transformação em pequenos produtores ou assalariados a serviço dos empreendimentos econômicos regionais (BRAND, 1997).

⁵ Os Kaiowá e os Guarani integram subgrupos de um tronco maior, o dos Guarani, que além destes agrupam os Mbya, e os Guarani ocidentais, que ainda se subdividem em Chiriguano (Áva e Simba) e Guarani Nandéva, na Bolívia. Os Guarani estão presentes no Brasil, no Paraguai, na Argentina e na Bolívia. O subgrupo Guarani-Nandéva se autodenomina como Guarani, na região e os Guarani-Kaiowá (Paĩ Tavyterã, no Paraguai) se autodenominam como Kaiowá, por isso, nesse estudo utiliza-se apenas a denominação Kaiowá e Guarani para identificar os dois subgrupos (COLMAN, 2007: 18).

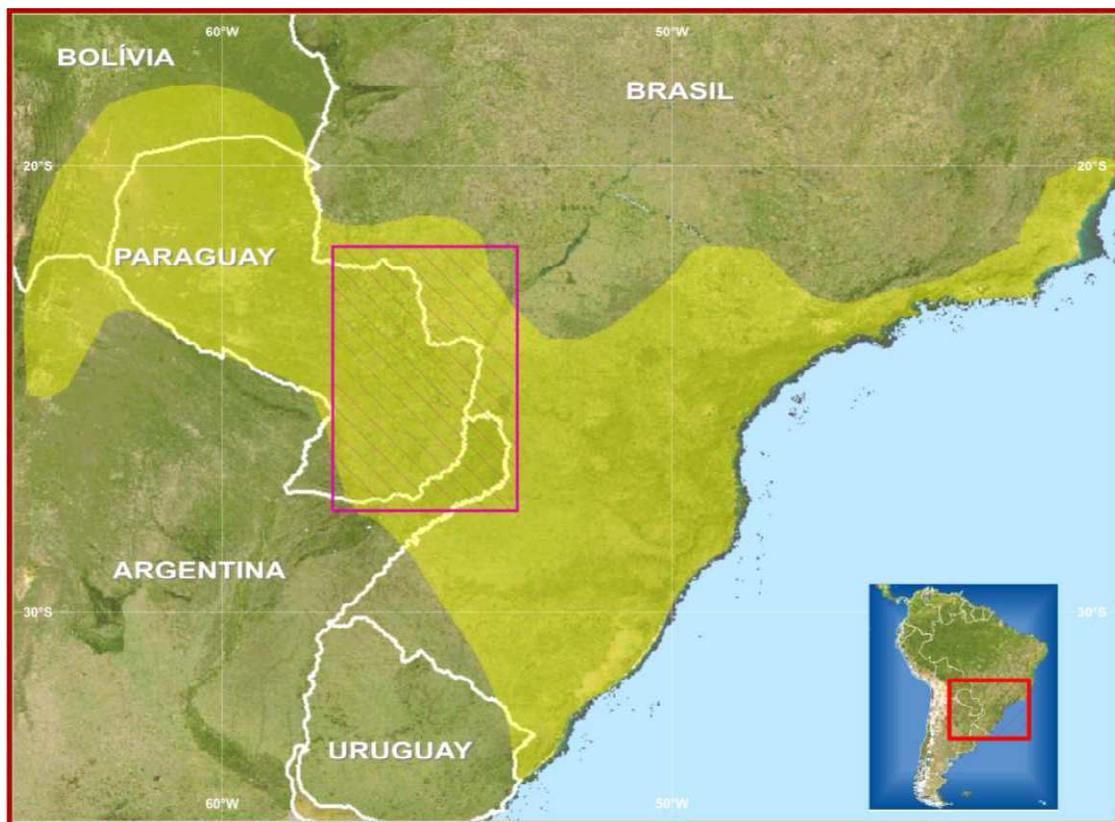
⁶ Para o cálculo da área total das Terras Indígenas por UF, utilizou-se apenas os dados das que haviam sido regularizadas, delimitadas e homologadas. As que estavam em estudo não foram incluídas, até porque ainda não é possível ter a sua extensão.

⁷ SPI, Serviço de Proteção ao Índio, foi o órgão criado pelo governo federal em 1910 com o intuito de contatá-los e, a princípio, inseri-los na sociedade civil brasileira por meio do trabalho – tanto que a sigla inicial era SPILT, Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais. Com o tempo os princípios do órgão foram mudando e em 1967 ele passou a ser a FUNAI, Fundação Nacional do Índio, que continua a atuar até os dias atuais.

Esse confinamento gerou inúmeras mudanças e constantes negociações e atualizações no seu cotidiano, em especial, no que se refere à organização social. Constitui, certamente, tarefa complexa explicar como os povos Guarani e Kaiowá, uma população numericamente importante, atingida por projetos de colonização tardia – final do século XIX e início do século XX – conseguiu passar despercebida aos olhos do colonizador e da historiografia regional.

Os Guarani e Kaiowá ocupavam, tradicionalmente, um amplo território, na região sul do atual estado de Mato Grosso do Sul, situado entre o rio Apa (Bela Vista), Serra de Maracaju, rio Brilhante, rio Ivinhema, rio Paraná, rio Iguatemi e fronteira com o Paraguai. Ocupavam esse espaço de acordo com a disponibilidade de locais com recursos naturais considerados apropriados – preferiam, por isso, estabelecer suas aldeias em áreas de mata e próximas a bons cursos de água. Além disso, teria que ser um local livre de ameaças sobrenaturais e de doenças e próximo a parentelas aliadas. Pesquisando a história recente dos Kaiowá e Guarani percebemos que diversas aldeias foram por eles abandonadas em decorrência das muitas doenças, consequência já da ampla circulação de não-indígenas em seu território.

A abrangência territorial dos Guarani, como pode ser observado no mapa⁸ a seguir, englobava as bacias dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai e o sopé da cordilheira andina. Em meados do século XIX, grandes grupos guarani teriam saído dessa região e chegado ao litoral sul e sudeste do Brasil. As principais motivações para esse deslocamento pode ter sido uma movimento messiânico; busca da “Terra sem Mal” associado a um crescimento populacional, diminuição dos recursos naturais e/ou as pressões do processo de colonização (NIMUENDAJÚ, 1987).

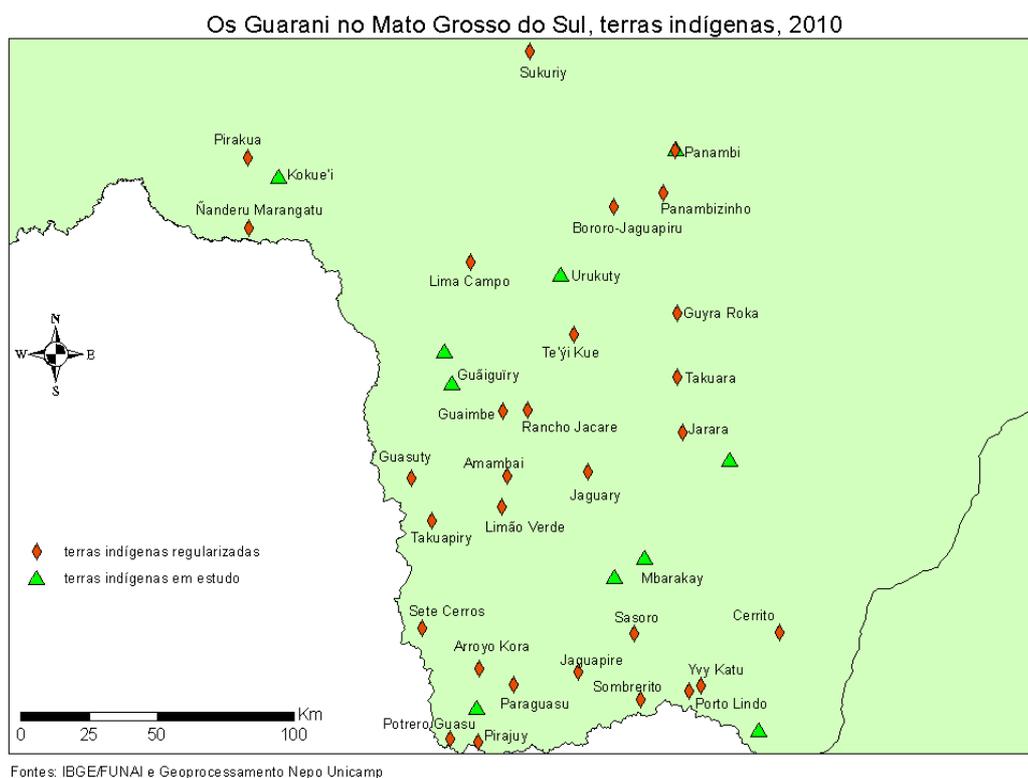


⁸ Mapa da ocupação dos Guarani na América do Sul (AZEVEDO, et al., 2008). Na área rachurada, região de fronteira foi produzido o mapa Guarani Retã, em 2008. Pretende-se agora ampliar e mapear toda a área de abrangência dos Guarani, incluir o litoral brasileiro, região ocidental do Paraguai, norte da Argentina e Bolívia.

Os Guarani e Kaiowá distribuíam-se em pequenos núcleos, constituídos por uma ou mais parentelas, sob a liderança dos *ñanderu* ou *tekoharuvicha*, líderes de caráter marcadamente religioso, cujo poder estava apoiado no prestígio decorrente de seu parentesco, capacidade de convencimento e generosidade e não na força ou habilidade física. A identidade guarani e kaiowá remete, diretamente, para a idéia de pertencimento e para as relações de parentesco. Daí a importância da concepção de território, segundo Melià (2007)⁹, como espaço de comunicação, com as suas marcas (caminhos e casas, indicando parentesco e alianças, recursos naturais específicos, remetendo para questões ecológicas e à economia guarani), referidas e atualizadas pela memória.

Os Guarani e Kaiowá: território e população hoje

No mapa a seguir podemos observar as terras indígenas regularizadas e outras ainda em estudo.



E para complementar, apresentamos três quadros com informações sobre as terras indígenas dos Guarani e Kaiowá, conforme sua situação, no Mato Grosso do Sul.

⁹ Relatório do I Seminário Preparatório do Projeto Os Guarani nas fronteiras dos países do MERCOSUL: população, localização geográfica e políticas públicas. Foz do Iguaçu, PR, 14 a 16 de novembro de 2007.

Quadro 01 – 8 Reservas¹⁰ Indígenas criadas entre 1915 e 1928

Nº	Terra Indígena	Informações
01	Amambaí ou Posto Indígena Benjamim Constant	É a 1ª área reservada, em 1915, Decreto nº 401 de 10.05.1915, com 3.600 ha, mas que em 1926, foi reduzida para 2.429 ha. Esta área está à 5 km da sede do município de Amambaí. Sua população, segundo o Censo 2010 é de 5.469.
02	Dourados (Bororo - Jaguapiru) ou Posto Indígena Horta Barbosa	Foi reservada esta 2ª terra em 1917, Decreto nº 404 de 03.09.1917, com 3.600 ha, atualmente tem apenas 3.475 ha, localizado em Dourados, a 2 km da sede do município. A sua população, segundo o Censo 2010 é de 11.146. Esta reserva abriga além dos Guarani e Kaiowá, famílias Terena e alguns mestiços.
03	Caarapó (Te'ýi Kue): ou Posto Indígena José Bonifácio	Foi criada esta reserva em 1924, Decreto nº 684 de 20.11.1924, com 3.750 ha. Atualmente, esta área soma um total de 3.594 ha, localizada à 20 km da sede do Município e conta com uma população, segundo o Censo 2010 de 4.283.
04	Limão Verde	Foi criada em 1928, como uma forma de compensação pela área reduzida da reserva de Amambaí, Decreto nº 835 de 14.11.1928, com 900 ha, o tamanho de um lote. Conta com uma área de 668 ha, e a Terra Indígena está localizada à 7 km da sede do município, também, em Amambaí. Atualmente, a sua população, segundo o Censo 2010 é de 1.170 pessoas.
05	Taquaperi: ou Posto Indígena de Cerro Perón	Foi criada, também, em 1928, Decreto nº 835 de 14.11.1928, com 2000 ha. Há, inexplicavelmente, uma redução de 1.600 ha, comparando com as três primeiras. Contam com um total de 1.886 ha, no atual município de Coronel Sapucaia. A reserva está localizada entre Amambaí e Coronel Sapucaia, a 15 km da sede do município. Atualmente, segundo o Censo 2010, possui 2.578 moradores.
06	Sassoró ou Posto Indígena Sassoró	Foi criada em 1928, com 2.000 ha, Decreto nº 835 de 14.11.1928. Hoje a área é de 1923 ha, no município de Tacuru. A reserva Sassoró, também, conhecida como Ramada, fica à 40 km da sede do município. Segundo o Censo 2010, conta com uma população de 2.764 pessoas.
07	Porto Lindo: ou Posto Indígena do Jacaré	Criada através do Decreto nº 835 de 14.11.1928, com 2.000 ha. Atualmente, ocupam apenas 1.650 ha, no município de Japorã e localizada a 25 km da sede do município. Conta com uma população, segundo Censo 2010, de 3.919 pessoas, Os moradores desta reserva estão em processo de ampliação da área, com a retomada de Yvy Katu.
08	Pirajuí: ou Posto Indígena de Pirajuí	Foi criada em 1928, pelo Decreto nº 835 de 14.11.1928, também com 2.000 ha. Hoje estão com uma área de 1923 ha no município de Paranhos. Ela fica a 15 km da sede do município e uma população de 2.031, segundo o Censo Demográfico.

Quadro 02: 11 Terras Indígenas demarcadas a partir de 1980

Nº	Terra Indígena	Principais Informações
01	Rancho Jacaré	É uma das primeiras áreas retomadas, em 1979, e também uma das primeiras terras indígenas demarcadas, depois de 1928, em 1984. Possui 777,53 ha Esta área está localizada à 90 km de Dourados e à 65 km de Laguna Carapã. E, segundo o Censo 2010, está com 447 moradores.
02	Guaimbé	Também é uma das primeiras áreas retomadas, em 1979, e também uma das primeiras terras indígenas demarcadas, depois de 1928, em 1984, com 716,93 ha, está localizada a 100 Km de Dourados e a 50 Km de Laguna Carapã. Atualmente, segundo o Censo 2010, possui 444 moradores.
03	Paraguasu (Takuaraty/y vykuarusu)	Em 1984 depois de 8 tentativas de retorno até que ninguém mais conseguiu retirá-los de lá. Estão ocupando uma parte do território tradicional, com extensão de 2.609 ha, que foram homologados, em 1993. Atualmente, a terra indígena de Paraguasu pertence ao Município de Paranhos e fica a 40 km da sede. São, segundo o Censo 2010, 592 moradores.
04	Pirakua	Foi identificada em 1982 e fica no Município de Bela Vista e foi apenas homologado em 1992, sendo que, atualmente estão ocupando uma área de 2.384 ha. A Terra Indígena está localizado a 64 km de Bela Vista e conta com uma população total, segundo o Censo 2010, é de 473

¹⁰ Somando o número da população das 8 reservas temos 33.360 pessoas. E as 3 reservas mais populosas são Dourados, Amambaí e Caarapó, com 20.898 pessoas.

		peessoas.
05	Jaguapire	Está localizada no Município de Tacuru, é mais uma das áreas em que a comunidade luta pela legalização de suas terras. Nesse caso, o conflito se dá contra duas propriedades, com seus jagunços e a polícia militar, que invadiram a terra indígena, em 1985. Neste mesmo ano, essa Terra Indígena foi identificada. A comunidade retomou parte da terra em 1992 e o restante em 1996. Vivem em uma área de 2.349 ha. Sua localização é de 16 km da sede do município. Conta, atualmente, segundo Censo 2010, com uma população de 931 pessoas.
06	Sete Cerros	Possui uma área de 9.003 ha, considerada relativamente grande, comparando com outras aldeias kaiowá e guarani. Esta Terra está localizada no Município de Paranhos, e em 1987, o Grupo de Trabalho da FUNAI delimita uma área de 9.003 ha, encontrando, ainda, uma parte da população, sendo que os demais moradores encontravam-se já dispersos em terras indígenas e fazendas da região. Estão ocupando uma área de 8.584 ha. A aldeia fica a 76 km da sede do município. Embora sendo a maior área Kaiowá e Guarani demarcada, possui uma população pequena, o que se explica pelo fato de possuir um solo bastante arenoso e que não é propício para o cultivo de roças tradicionais. Já foi um lugar de muita mata, mas com o desmatamento para a formação de pastagens o solo ficou desgastado. Atualmente, a população de Sete Serros, segundo o Censo 2010, é de 378 pessoas,
07	Jarara	Apesar de terem obtido a identificação de sua Terra ainda em 1986, foram expulsos e levados para a reserva de Caarapó e seu tekoha destruído por ordem da Cia. Mate Larangeira, em 1953. Mas uma parte da população permaneceu morando na região, conhecida como Vila Juti. Os Kaiowá e Guarani reocuparam sua área tradicional em 1983. Os fazendeiros expulsaram os moradores de Jarara, em 1986 e 1987. Em 1993 a área foi homologada e a população local reocupou sua terra de forma definitiva, em 1996. Ocupam uma terra cuja extensão é de 479 ha. E está localizada a aproximadamente 100 km de Dourados e 5 km de Juti. Hoje conta com uma população total, segundo o Censo 2010, de 287.
08	Guasuty	Localizada no Município de Aral Moreira, foi identificada em 1985. Os moradores desta Terra Indígena. Em 1992, a Terra Indígena com uma área de 959 ha foi homologada, mas em Janeiro deste mesmo ano a população foi expulsa pela polícia e levada para Limão Verde, mas com apoio do Ministério Público Federal a liminar de reintegração de posse do fazendeiro foi suspensa e os moradores retomaram sua terra. A aldeia foi registrada em 1994. A aldeia esta localizada à 40 km de Amambaí, 30 km de Aral Moreira e 200 km de Dourados. Atualmente somam uma população total, segundo o Censo 2010, de 533 pessoas.
09	Jaguary	É outra área retomada na década de 1980 e pertence ao município de Amambaí. A Terra Indígena de Jaguary foi identificada em 1987. Neste mesmo ano, depois de um GT (Grupo de Trabalho) da FUNAI ter delimitado uma área maior para a população indígena local, os fazendeiros ousaram expulsar, de forma violenta, os indígenas do local por temerem perder suas fazendas. No ano de 1988, a própria FUNAI mudou de ideia e não mais considerou a área como de ocupação indígena. Em 1992, finalmente, a área foi homologada. Por decisão judicial, em 1994, a comunidade recuperou o direito de ocupação de suas terras. Esta terra indígena possui uma extensão de 405 ha. Esta aldeia está situada a 52 km da sede do município, na estrada que liga Amambaí a Juti. Segundo o Censo 2010, sua população é de 321 moradores.
10	Cerrito	Foi identificada em 1988. Mas os Guarani reocupam a área, no Município de Eldorado, no ano de 1993. A área já havia sido declarada terra indígena, em 1991, e homologada em 1992, estando, inclusive, registrada. Em 2002 os índios ampliaram a terra retomando uma parte das áreas de ocupação tradicional que haviam ficado fora da demarcação. Estão ocupando 1.950 ha e está localizada à 32 km de Eldorado. Atualmente, segundo o Censo 2010, conta com uma população de 544 pessoas.
11	Panambizinho	Localizada no município de Dourados, possui 1.240 ha. Durante muito tempo a comunidade ocupava apenas 60 ha, correspondente a dois lotes da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND). A partir de 2005, a população retoma, de forma definitiva sua área quando finalmente conseguem a homologação de 1.240 ha. A comunidade do Panambizinho fica distante à 26 km da sede. Sua população, segundo o Censo 2010, é de 306 moradores.

Quadro 03: 10 Terras Indígenas identificadas ou em processo de identificação

Nº	Terra Indígena	Principais Informações
01	Sukuriy	Localizada no município de Maracaju, com 500 ha, foi identificada em 1995, ano em que os

		índios efetivaram-se na posse desta área. No entanto, mesmo assim os moradores da Terra Indígena foram despejados de forma violenta pelos proprietários, em 1996. Mas, em 1997, desesperançados frente às questões legais reocuparam a terra por iniciativa própria. Em 1998 a terra foi homologada e até registrada. Um acordo, apesar da decisão judicial de despejo, permitiu que permanecessem em 67 ha. Ocupam pequena parcela de terras. A área fica aproximadamente à 10 km da sede do município. No momento Sukuriy conta com uma população, segundo o Censo 2010, de 224 moradores.
02	Potrero Guasu	Pertence ao Município de Paranhos e possui uma extensão territorial de 4.975 ha, mas os índios ocupam apenas 400 ha, persistindo, ainda, o litígio. O restante de terra indígena continua sendo ocupada por famílias de colonos. A área de 400 ha foi retomada em 1998, depois da identificação da terra como sendo indígena, em 1997. Em 2000, esta mesma área foi demarcada. A aldeia está localizada à 8 km de Paranhos. Conta com uma população, segundo o Censo 2010, de 725 moradores.
03	Arroyo Kora	Está localizada no Município de Paranhos cuja extensão estimada é em torno de 7.205 ha, mas atualmente ocupam apenas 100 ha de sua área total. Esta população foi expulsa em 1983, e ficou andando pela região até ser transferida pela FUNAI para a terra indígena de Sete Cerros, onde permaneceu por 15 anos. A partir de 1998, iniciou o processo de retomada, reocupando parte de sua área, mas foi retirada pela própria FUNAI e deixada na beira de estrada (Rodovia MS-156). No mesmo ano, em outubro, sob forte pressão, foram levados pela FUNAI para a aldeia de Guasuty, em Aral Moreira. Depois ainda foram levados para Jaguapire. E, finalmente, em Agosto de 1999 retomaram parte de suas terras. A aldeia Arroyo Kora está localizada à 20 km da sede do município. Segundo o Censo 2010, conta com uma população total de 652 pessoas.
04	Campestre e Ñanderu Marangatu:	localizadas no Município de Antonio João. Campestre foi demarcada em 1991, abrange a menor extensão de terra - de 11 ha. A área de Campestre foi cedida para a comunidade pela Prefeitura Municipal e identificada pela Funai, em 1984. Ñanderu Marangatu, também, denominada Cerro Marangatu. Os moradores desta área foram expulsos, ainda, em 1949. Nessa ocasião, parte dos moradores passou a morar em Campestre. Esta área foi retomada em dezembro de 1998. Em Julho de 2006, logo após um encontro de mulheres indígenas, a comunidade retoma parte de suas terras e volta a ocupar partes (100 ha) da fazenda Itá Brasília e de Primavera. A população total atualmente, segundo o Censo 2010, é de 1.067 pessoas.
05	Lima Campo/Jatayvary	Localizada no Município de Ponta Porã engloba outras como Jatayvary e Limary. Esta área foi retomada entre os anos de 1998 e 1999. Na realidade ocupam apenas 300 ha, dos quase 10 mil ha reivindicados pela população local. A terra indígena de Lima Campo fica distante do município de Ponta Porã, 80 km e está localizada na rodovia que liga este município à Dourados. Ocupam 300 ha. Segundo a SESAI/SIASI (2011) sua população é de 255 pessoas.
06	Kokue'i	Outra área que pertence ao município de Ponta Porã, localizada próxima à Cabeceira do Ápa, a 10 km de Antonio João e 140 km de Dourados. Esta população foi retirada de suas terras por fazendeiros em 1998. Permaneceu por algum tempo acampada na beira da Rodovia que liga Antonio João à Jardim. Estão ocupando uma área de 100 ha do total reivindicado que é de 6.535 ha. A população é de 156 moradores, segundo SESAI/SIASI (2011).
07	Takuára	Está retomada pelos kaiowá, mas, pelo menos uma parte dela, encontra-se em processo de demarcação. Os moradores de Takuára, no Município de Juti, foram expulsos novamente de maneira violenta, muitos até foram amarrados, pela Companhia Matte Larangeira, em 1953, inclusive com o apoio do SPI. Em 1999, os Kaiowá retomaram uma parte de sua área e no mesmo ano foram despejados. Mas, apesar das decisões judiciais, eles permanecem resistindo na terra. Houve um conflito entre índios e administradores da fazenda Brasília do Sul, em que foi assassinado um de seus líderes, Marco Veron, no dia 13 de janeiro de 2003. No enterro de seu líder retomaram parte de seu Tekoha. A comunidade de Takuára ocupa uma área de 60 ha, do total de 9.650 ha reivindicado. Takuára fica à 30 km da cidade de Juti e tem uma população, segundo o Censo 2010, de 304 pessoas.
08	Guyra Roka também conhecida como Ypytã,	Está localizada no Município de Caarapó. Segundo o relatório de identificação realizado por Pereira (2002a) existia uma concentração expressiva de Kaiowá morando em Guyraroka de forma permanente até o início da década de 1940, ocupando os eixos dos córregos <i>Karaku</i> e <i>Ypytã</i> . Depois de 1940, os fazendeiros começaram a comprar as terras na região e tornaram inviável a permanência dos índios no local. Em Janeiro de 2000, os moradores que estavam vivendo em Caarapó e Amambaí tentaram retomar a sua terra. Um dos donos acompanhado do chefe da FUNAI de Dourados convenceram os moradores a retornar, e permaneceram acampados em Caarapó, em barracas de lonas. O total da área reivindicada e identificada é de

		11.401 ha. A sua população atual, segundo o Censo 2010, soma 599 pessoas.
09	Sombrerito	É outra área retomada em 1999 no Município de Sete Quedas. Localizada à 467 km de Campo Grande, esta população foi expulsa, em 1975, pelo fazendeiro. Depois da retomada, muitos indígenas desta área foram convencidos à deixar seu território e foram para Porto Lindo, no município de Japorã. Em 2005, os moradores reocuparam novamente seu tekoha e já sofreram ameaças de expulsão, mas permanecem na área ¹¹ . Ocupam, atualmente, uma área de 800 ha. O total da Terra Indígena já identificada é de 15.000 ha, mas o relatório de identificação ainda não foi publicado. Atualmente, segundo o Censo 2010, somam uma população de 284 pessoas.
10	Panambi	No Município de Douradina, localiza-se a Reserva de Panambi, também conhecida como Lagoa Rica. Esta área foi reservada ainda pelo SPI, em 1942, com 2.037 ha. Ocupa, no entanto, apenas uma área de 390 ha, da gleba reservada pela Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND). Desse total, 1.647 ha foram invadidos e estão sendo ocupados por 36 famílias de pequenos proprietários da CAND. Como a maioria das reservas, uma estrada, a Rodovia MS-379, corta a área. Atualmente, possui dois acampamentos, Ytay e Guyra Kambiy em conflito com os colonos. Esta Terra Indígena está localizada à 10 km da sede do município. A população, segundo o Censo 2010, é de 1.101 pessoas.

No Brasil a população guarani, segundo o último censo (IBGE, 2010) é de 67.523 e na região Centro Oeste, é de 43.556, conforme a tabela 3 a seguir:

Tabela 3: Pessoas indígenas, por tronco linguístico, a família linguística e a etnia ou povo a que pertencem, 2010

Brasil e Grande Região	Tronco linguístico, família linguística e etnia ou povo	
Brasil	Guarani	7.500
	Guarani Kaiowá	43.401
	Guarani Mbya	8.026
	Guarani Ñandeva	8.596
	Total	67.523
Centro Oeste	Guarani	412
	Guarani Kaiowá	38.010
	Guarani Mbya	303
	Guarani Ñandeva	4.831
	Total	43.556

Fonte: Censo demográfico, IBGE, 2010

Mato Grosso do Sul que é o estado no Brasil que concentra a maior parte da população Guarani com 42.701, representando 62,94%.

No Mato Grosso do Sul não se tem notícias da existência de Guarani Mbya, mas no Censo Demográfico aparece um número pequeno de Guarani Mbya. Isso se deu provavelmente pelo fato do recenseador na hora de preencher a língua ou etnia ter que selecionar numa lista, e por não ter familiaridade com o tema, acabou selecionando Guarani Mbya e não Guarani Kaiowá ou Guarani Ñandeva, os grupos que vivem no Mato Grosso do Sul. Na Próxima tabela temos

¹¹ Em 26 de Junho de 2005, assistiu-se a mais uma situação de extrema violência por parte dos fazendeiros, quando tentaram nova retomada. Na Fazenda Floresta, ocorreu a morte de Dorival Benites, de 26 anos, assassinado com um tiro. Foi ferido, também, na retomada, Ari Benites, de 21 anos, que levou um tiro no braço. Dois indígenas foram seqüestrados e torturados. Uma mulher, que estava gestante, foi gravemente espancada e uma liderança, Silvio Iturve, de outra terra que estava ali dando apoio, teve um olho perfurado.

uma distribuição dos Guarani no Brasil, nos Estados em que há um maior número de Guarani. Além destes, os Guarani também estão em outros estados brasileiros, mas em menor número.

Tabela 4: Os Guarani no Brasil

	Masc.	Fem.	total
Mato Grosso do Sul	21.359	21.342	42.701
São Paulo	3.164	3.146	6.310
Paraná	3.023	2.754	5.777
Rio Grande do Sul	2.446	2.288	4.734
Santa Catarina	1.097	1.010	2.107
Rio de Janeiro	738	855	1.593
Espírito Santo	161	140	301
total	31.988	31.535	63.523

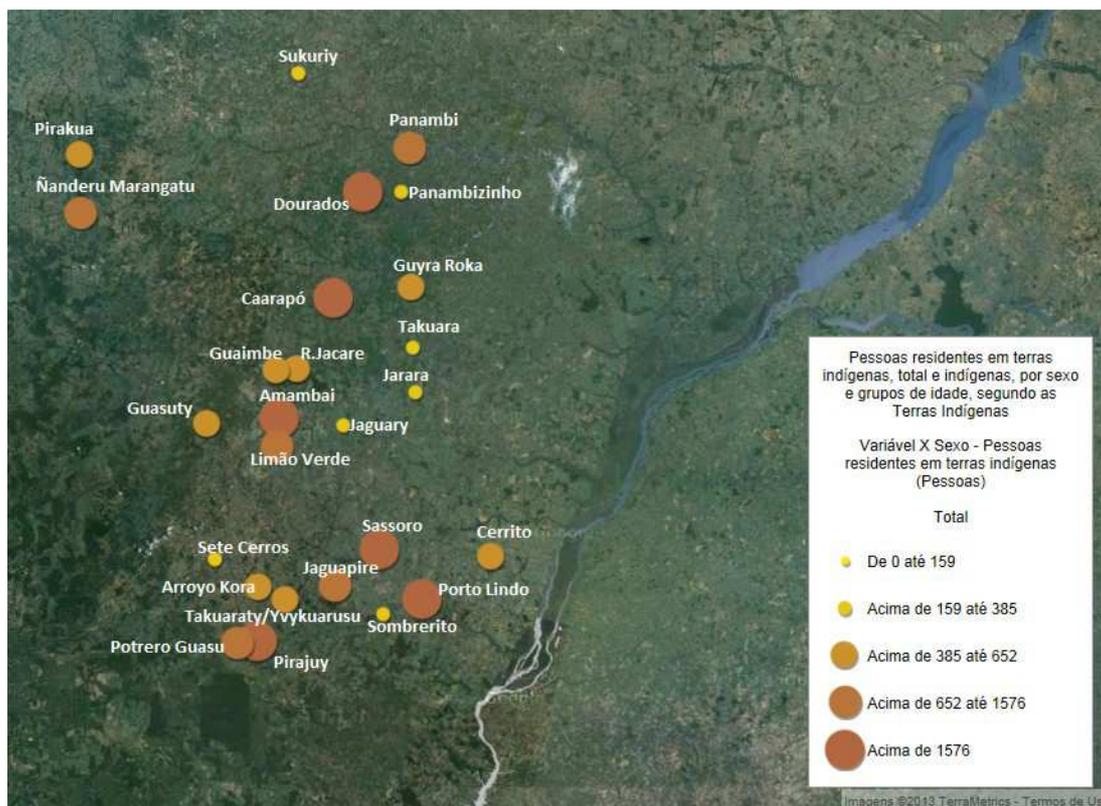
Fonte: Censo demográfico, IBEGE, 2010

A ilustração a seguir é uma tentativa de localizar os Guarani de Mato Grosso do Sul a partir do mapa disponível na página do IBGE¹². Apenas acrescentamos os nomes das Terras Indígenas conforme conhecemos. Os círculos indicam a quantidade populacional. No caso dos Guarani de Mato Grosso do Sul, das 26 Terras Indígenas que estão georreferenciadas, 7 terras indígenas possuem uma população entre 159 e 385 pessoas; 8 possuem acima de 385 até 652 pessoas; 5 terras indígenas com uma população acima de 652 até 1.576 pessoas. As maiores populosas, com 32.190 pessoas, estão nas 7 Terras Indígenas que são as reservas antigas. Como já mencionamos anteriormente, estas possuem população acima de 1.576 pessoas: Dourados (11.146), Amambai (5.469), Caarapó (4.283), Porto Lindo (3.919), e Pirajui (2.031)^{13 14}.

¹² <http://www.censo2010.ibge.gov.br/terrasindigenas/>

¹³ Não sabemos bem o porquê, mas neste mapa não aparece Sassoro (2.764 pessoas), Takuapiry (2.578 pessoas), Jaguapire (931 pessoas) que são Terras Indígenas já regularizadas.

¹⁴ Se clicarmos do lado direito do mouse sobre cada uma destas terras indígenas ou digitarmos o nome da terra indígena na busca podemos obter as seguintes informações, por Terra Indígena: condição de domicílio, infraestrutura do domicílio (presença de energia elétrica, banheiro ou sanitário, tipo de esgotamento, forma de abastecimento de água, destino do lixo), população (sexo, idade e autodeclaração de raça ou cor da pele), alfabetização, registro de nascimento, rendimento nominal mensal, e língua falada no domicílio (português ou língua indígena).



Segundo dados do IBGE (2010) dos 67.523 do Brasil, 42.496 estão no Mato Grosso do Sul. Na tabela 4 a seguir é possível observar que nos grupos de 0 a 14 anos concentram quase a metade da população total, 49,80%. Para os Guarani, e para as sociedades indígenas em geral, esta característica traz dois elementos importantes. Um que indica sua sobrevivência física. Por outro lado, com a diminuição de pessoas idosas que são os transmissores dos valores culturais e da tradição isto oferece uma preocupação quanto a sobrevivência cultural dessas populações. Pensando em políticas públicas, esta estrutura jovem demanda por escolas que proporcionem este aspecto cultural, que sejam espaços em que se potencialize a presença dos poucos idosos que ainda restam nas aldeias guarani que são os detentores das culturas.

Tabela 5: População Guarani residente no Mato Grosso do Sul, por grandes grupos etários e sexo, e proporção da população por esses grupos etários, em 2010.

Grupos etários	Masc.	%masc.	Fem.	%fem.	Total	%total
0 a 14	10.678	50,23	10.485	49,37	21.163	49,80
15 a 49	8.841	41,59	8.937	42,08	17.778	41,83
50 e +	1.801	8,47	1.920	9,04	3.721	8,76
Total	21.260	100	21.236	100	42.496	100

Fonte: IBGE Censo Demográfico/2010

Esta tabela 5 mostra, também, que as mulheres em idade reprodutiva, entre 15 a 49 anos somam 42,08 %, representando quase a metade do total da população. E do total de mulheres, (21.236), 19.422 estão nos dois grupos etários jovens (0-14 e 15-49 anos), representando

91,45% do total de mulheres, indicando uma dinâmica demográfica futura que será a duplicação da população em um período de 15 a 20 anos. Este fato pode ser considerado praticamente uma revolução demográfica das sociedades indígenas que até pouco tempo atrás, com altas taxas de mortalidade, epidemias e guerras eram condenadas a desaparecer em pouco tempo.

E como não podia ser diferente, o comportamento da população é muito semelhante ao do Brasil, como podemos observar na tabela 6 a seguir:

Tabela 6: População Guarani residente no Brasil, por grandes grupos etários e sexo, e proporção da população por esses grupos etários, em 2010.

Grupos etários	Masc.	%masc.	Fem.	%fem.	Total	%total
0 a 14	14.127	44,16	13.708	43,46	27.835	43,81
15 a 49	14.093	44,06	13.706	43,45	27.799	43,76
50 e +	3.768	11,78	4.129	13,09	7.897	12,43
Total	31.988	100	31.543	100	63.531	100,00

Fonte: IBGE Censo Demográfico/2010

Outro aspecto a ser considerado é a grande dependência que muitas famílias guarani têm da renda dos aposentados. Com este número reduzido de pessoas nesta idade, os de 50 anos e mais, somam apenas 8,76% (sabe-se que se aposenta a partir de 60 anos, a porcentagem de pessoas nesta idade é menor ainda). É urgente a necessidade de se investir em formação e alternativas de geração de renda para estas populações.

Uma maneira de perceber essa relação é justamente pelo cálculo da Razão de dependência. Seu cálculo é baseado na divisão da estrutura etária entre a população considerada dependente economicamente – jovens, de 0 a 14 anos de idade e idosos, de 65 anos ou mais – e a em idade ativa – população adulta com idade entre 15 e 64 anos. Seria, então, por meio do trabalho da população em idade ativa que haveria o sustento das demais populações:

As razões de dependência com valores elevados são vistas como refletindo desvantagens econômicas uma vez que se supõe que os menores de 15 anos e as pessoas mais idosas contribuam muito pouco para o processo econômico (BERQUÓ, 1991: 37).

A tabela 7 a seguir mostra a Razão de dependência dos Guarani que vivem em Terra Indígena no Estado de Mato Grosso do Sul:

Tabela 7 - Razão de dependência dos Guarani em TI, da UF MS .

	Guarani nas TIs do MS
População de 0 a 14 anos	18497
População de 15 a 64 anos	16580
População de 65 ou mais	1611
Total	36688
Razão de dependência (%)	121,28
Razão de dependência dos idosos (%)	9,72
Razão de dependência dos jovens (%)	111,56

Fonte: IBGE, BME, 2010

Nela percebemos uma Razão de dependência muito alta, com grande participação dos jovens, o que reforça a questão do conflito intergeracional e o problema da geração de renda, visto que, acrescida esta estrutura etária, há o problema da escassez de terra para o cultivo e consequentemente a sobrevivência física e cultural da população.

Considerações finais

O Censo Demográfico 2010 avançou em relação aos anteriores ao incluir a pergunta sobre raça ou cor da pele no questionário do universo¹⁵, além de terem sido feitas perguntas sobre pertencimento étnico e línguas faladas, o que melhorou a metodologia de obtenção dos dados. No entanto, nos faltou uma campanha de divulgação do Censo Demográfico junto aos povos indígenas e uma maior participação indígena, tanto na elaboração do questionário quanto na coleta das informações.

Por fim, os dados do Censo Demográfico 2010 referente aos povos indígenas ficaram divididos da seguinte maneira: no Banco Multidimensional de Estatística – BME – estão todas as informações, sendo o único lugar onde há as referentes às etnias; o banco de setores censitários possui informações das Terras Indígenas; e os microdados do Censo Demográfico 2010 apresentam dados sobre toda a população que respondeu ao questionário da amostra, incluindo a autodeclarada indígena, mas sem as informações de etnia pertencente. O grande ponto do Censo Demográfico é ele reunir as informações de toda a população indígena do país, incluindo sua língua e etnia, estando ela dentro e fora da Terra Indígena, em área rural ou urbana. Mas é importante frisar que o questionário foi criado com perguntas a toda a população. Assim, é preciso ter o cuidado para a leitura dessas informações de acordo com a etnia, pois a construção dos conceitos podem ser diferenciados do da população não-indígena e, com isso, gerar interpretação e generalizações errôneas. Em alguns países da América do Sul, como o Equador, tem se avançado na criação de indicadores de bem estar, por exemplo, baseado no conceito indígena de “buen vivir”.

Já avançamos bastante, mas ainda há um caminho a percorrer, por exemplo, no que diz respeito à metodologia. Precisamos de uma melhor capacitação dos recenseadores com relação ao tema, e um maior envolvimento dos próprios indígenas como agentes recenseadores e na elaboração dos questionários.

¹⁵ O Censo Demográfico do IBGE possui um questionário básico – o do universo -, em que toda a população responde, e um questionário estendido, com as questões do básico adicionada outras, em que somente uma população selecionada por amostra responde.

Referências

AZEVEDO, M.; BRAND, A.; HECK, E. ; PEREIRA, L. ; MELIÀ, B. (2008), “Guarani Retã. Povos Guarani na Fronteira, Argentina, Paraguai”, Brasil. Centro de Trabalho Indigenista, Brasil.

BERQUÓ, E. Fatores estáticos e dinâmicos (mortalidade e fecundidade). In: SZMRECSÁNYI, T., LEVI, M. S. F., SANTOS, J. L. F. (org). “Dinâmica da população: teoria, métodos e técnicas de análise”. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

BRAND, Antonio. (1997), “O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da Palavra”. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

COLMAN, Rosa Sebastiana. (2007), “Território e Sustentabilidade: Os Guarani e Kaiowá de Yvy Katu”. Dissertação de mestrado. Campo Grande: UCDB, 2007.

COLMAN, Rosa Sebastiana ; AZEVEDO, M. (2013), “Os Kaiowá e Guarani de Mato Grosso do Sul no Censo 2010”. In: Reunião de antropólogos do Mercosul, 2013, Buenos Ayres. Anais do X RAM. Buenos Ayres.

IBGE. Censo Demográfico,(2010), Rio de Janeiro: IBGE.

NIMUENDAJÚ, Kurt Unkel. (1981), “Mapa Etno-Histórico”. Brasília: IBGE.